

Brasil já perdeu mais enfermeiros para o corona do que Itália e Espanha juntas

GIL ALESSI, DO EL PAÍS

Coube à enfermeira veterana Carla Mileni Siqueira dos Santos, 49, colher o material para exames da primeira pessoa com suspeita de covid-19 na pequena cidade de Rondon do Pará (PA), em meados de março. A situação era assustadora: uma doença sem cura, sobre a qual pouco se sabia, em um hospital modesto de um município de 52.000 habitantes.

Com mais de 20 anos de profissão, Carla fez aquilo que sempre fez ao longo da carreira: tranquilizou a paciente, uma idosa, e calmamente realizou o protocolo para testagem da doença. Mesmo tomando todos os cuidados, dias depois ela própria adoeceu. Ficou alguns dias em isolamento em casa, mas a situação piorou e ela precisou ser internada no final de abril.

"No domingo de manhã, 3 de maio, ela teve uma piora e pediu para ser entubada. Mas teve uma parada cardiorrespiratória e não resistiu", conta Nathalia Roberta Siqueira dos Santos, 25, filha de Carla. "Foram 21 anos dedicados à enfermagem com muito amor. Ela era apaixonada pela profissão, uma líder que

além de trabalhar na linha de frente dava cursos e ajudava a formar profissionais de saúde, enfermeiros, técnicos e auxiliares", conta.

Por fim, o Conselho Internacional de Enfermagem estima que "mais de 100 enfermeiros e técnicos perderam a vida pela covid-19 enquanto trabalhavam na linha de frente". Ou seja, o Brasil corresponde à maior fatia do total global de óbitos na profissão. O órgão, no entanto, reconhece que este balanço é apenas a ponta do iceberg.

"Um dos fatores [para a alta mortalidade] é que boa parte dos serviços de Saúde não afastou profissionais com idade avançada, acima de 60 anos, e com comorbidades. Eles continuam atuando na linha de frente da pandemia quando deveriam estar em serviços de retaguarda ou afastados", afirma Manoel Neri, presidente do Cofen. Foi este o caso da enfermeira Maria Aparecida Duarte, 63, conhecida pelos colegas como Cidinha. Ela continuou trabalhando praticamente na porta de um pronto-socorro em Carapicuíba, na Região Metropolitana de São Paulo, apesar de ser parte do grupo de risco. Contraiu a doença e morreu em 3 de abril.

Os erros que põem Brasil na rota do 'lockdown'

JULIANA GRAGNANI - @JULIANAGRAGNANI DA BBC NEWS BRASIL EM LONDRES

Regiões brasileiras chegaram a um cenário tão crítico de calamidade dos sistemas de saúde por causa do coronavírus que a única saída agora seria uma maior restrição da circulação de pessoas e até "lockdowns", de acordo com especialistas.

"Lockdown" é o termo em inglês para confinamento ou isolamento compulsório, e pode ter diferentes graus de rigor, da restrição maior de transporte público e privado ao bloqueio total de entradas de cidades ou Estados. É diferente da adesão voluntária da população ao isolamento social porque pode restringir a circulação de pessoas através de bloqueios e punições — de multas a detenção —, como ocorreu na Itália e na Espanha, por exemplo.

O objetivo do isolamento das pessoas, voluntário ou compulsório, é reduzir as contaminações pelo coronavírus e ganhar tempo para que os sistemas de saúde possam atender os pacientes mais graves. Se muita gente estiver infectada de uma vez pode não haver leitos para todos — como já acontece em alguns Estados do Brasil que atingiram ocupação máxima de leitos de UTI.

Rolando põe Tácio Muzzi para chefiar PF no Rio

ESTADÃO CONTEÚDO

O delegado Tácio Muzzi vai assumir a Superintendência da Polícia Federal do Rio de Janeiro após o atual chefe da corporação fluminense Carlos Henrique Oliveira ser convidado por Rolando Alexandre de Souza para a direção-executiva da PF. Atualmente Tácio Muzzi é Delegado Regional Executivo da PF do Rio e já atuou interinamente na superintendência da corporação fluminense durante crise na corporação no ano passado. Além disso, chefiou a Delegacia de Repressão à Corrupção e Crimes Financeiros (DELECOR) no Rio e foi coordenador da Lava Jato no Estado, tendo atuado nas operações que culminaram na prisão do ex-governador Sérgio Cabral e do empresário Eike Batista, informou a Assessoria de Imprensa da PF.

Doutor em Direito Empresarial pela Universidade Federal de Minas, Muzzi ainda atuou entre 2017 e 2018 (governo Temer) como Diretor-Geral do Departamento Penitenciário Nacional e Diretor-adjunto do DRCL, órgãos ligados ao MJSP.

comando da corporação, o delegado Ricardo Saadi. Em agosto do ano passado, Bolsonaro tentou trocar o superintendente da corporação fluminense pela primeira vez e acabou gerando atrito com então ministro Sérgio Moro e o diretor-geral da corporação, Maurício Valeixo.

O delegado ainda chefiou a Delegacia de Repressão à Corrupção e Crimes Financeiros (DELECOR) no Rio e foi coordenador da Lava Jato no Estado, tendo atuado nas operações que culminaram na prisão do ex-governador Sérgio Cabral e do empresário Eike Batista, informou a Assessoria de Imprensa da PF.

Doutor em Direito Empresarial pela Universidade Federal de Minas, Muzzi ainda atuou entre 2017 e 2018 (governo Temer) como Diretor-Geral do Departamento Penitenciário Nacional e Diretor-adjunto do DRCL, órgãos ligados ao MJSP.

Pagamento da 2ª parcela dos R\$ 600 depende da aprovação do calendário

CORREIO BRAZILIENSE

O Ministério da Economia já aprovou o calendário de pagamentos da segunda parcela do benefício emergencial de R\$ 600. Agora, falta apenas o Ministério da Cidadania aprovar as novas datas de pagamento para que o cronograma seja enviado para aprovação do presidente Jair Bolsonaro e comece a ser executado.

O andamento do calendário para a segunda parcela dos R\$ 600, que é aguardado há mais de uma semana pelos mais de 50 milhões de brasileiros que receberam a primeira parcela do benefício emergencial, foi apresentado, nessa terça-feira (5/5), pelo presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães.

"Estamos muito próximos de finalizar. Depois que eu e o ministro (da Cidadania) Onyx (Lorenzoni) fechamos um cronograma, levaremos ao presidente Jair Bolsonaro, que é quem organiza. O ministro (da Economia) Paulo Guedes já deu o OK", afirmou Guimarães, garantindo que essas datas

O PRESIDENTE da Caixa, Pedro Guimarães, diz que calendário de pagamento está ajustado pelo banco e pelo Ministério da Economia



devem ser anunciadas nas próximas horas.

Questionado sobre essas datas de pagamento, em live realizada nessa terça, o presidente da Caixa disse que não anteciparia detalhes dos acertos, que têm ocorrido, segundo ele, via intensas conversas há pelo menos três dias. Ele adiantou, contudo, que haverá mudanças em relação ao primeiro pagamento.

A primeira parcela do benefício emergencial começou há quase um mês,

mas ainda não foi concluída porque a Dataprev ainda está analisando os dados cadastrais de milhões de brasileiros que pediram os R\$ 600 pelo aplicativo da Caixa e porque o calendário dos saques em espécie só chegou à etapa final, nessa terça, com a liberação para retirada dos nascidos em novembro e dezembro.

Ele acredita que o problema dos cadastros será resolvido automaticamente no pagamento da segunda parcela, visto que o governo

terá os dados dos beneficiários com direito ao auxílio. Mas Guimarães defende mudanças em relação ao saque presencial.

Os saques presenciais dos R\$ 600 começaram na semana passada, provocando filas enormes nas agências. A Caixa admite que parte dessa aglomeração foi causada por problemas operacionais e pela necessidade das pessoas.

Problemas que, segundo o banco, estarão resolvidos na segunda parcela, seja por melhorias no aplicativo Caixa Tem ou porque o beneficiário saberá como funciona os mecanismos de acesso ao benefício emergencial.

"Esse próximo calendário terá mudanças em relação ao atual e são mudanças fáceis de serem atendidas", reiterou Guimarães. O Ministério da Cidadania garantiu, na segunda-feira, que os dias de pagamento da segunda parcela do benefício emergencial serão anunciados em breve. Inicialmente, o governo informou que a segunda parcela do benefício emergencial seria paga a partir de 27 de abril, mas vem adiando desde então.

Brasileiros em Wuhan descrevem recomeço

VINICIUS LEMOS DA BBC NEWS BRASIL EM SÃO PAULO

Wuhan, na China, é uma cidade em período de recomeço. Os moradores usam máscaras para sair de casa e adotam distanciamento entre si. A quantidade de pessoas nas ruas é considerada baixa, em comparação às aglomerações características da região até o fim do ano passado.

Capital da província de Hubei, Wuhan, que tinha 11 milhões de habitantes antes da epidemia, registrou os casos iniciais do novo coronavírus no mundo. Primeira região a ser isolada em decorrência do vírus, a cidade está sendo reaberta aos poucos desde oito de abril, após 76 dias em confinamento.

O cenário na cidade atualmente se assemelha a um período de pós-guerra, relata o paulistano Kenyiti Shindo, de 26 anos. Os moradores, conhecidos pela simpatia e pelo jeito acolhe-

dor, mantêm as características, mas agora sem proximidade.

O recomeço em Wuhan acontece após medidas duras adotadas na luta contra o Sars-Cov-2, nome oficial do novo coronavírus. Os primeiros registros oficiais, divulgados inicialmente como uma "pneumonia misteriosa", ocorreram no fim de dezembro — pesquisadores estudam casos que podem ter ocorrido anteriormente na região.

Segundo dados de autoridades chinesas, já foram registrados mais de 84 mil casos do novo coronavírus no país asiático, que tem 1,39 bilhão de habitantes. Oficialmente, foram confirmadas 4,6 mil mortes, sendo 3,8 mil somente em Wuhan. Entretanto, um estudo de pesquisadores de Hong Kong, publicado na revista científica Lancet, estimou que o número de casos de covid-19, a doença causada pelo novo coronavírus, na China pode ser quatro vezes maior que o divulgado.

PONTO DE VISTA

Joaci Góes

Covid-19 ou saneamento básico, o que mata mais?

Ao grande médico e querido amigo Rodolfo Dantas!

Nunca houve na história do mundo um tema tão comentado e tão pouco compreendido como a peste do Corona Vírus.

Pelo menos esta é a impressão que colho na conversa com as pessoas dos mais diferentes grupos sociais, inclusive as mais intelectualizadas. Até mesmo as autoridades que têm o dever de combatê-la, apesar de terem acesso as informações necessárias, só agora, com dois meses de grave atraso, vieram tornar obrigatório o uso das máscaras, quando inúmeros contágios poderiam ter sido evitados, uma vez que, em países desiguais como o Brasil, o isolamento social só é eficaz para a parcela da população mais bem aquinhoadas. Em lugar das aglomerações que a TV exibe todos os dias, formadas pelos cidadãos mais pobres, supostamente sujeitos ao isolamento social, a manutenção das atividades produtivas, distribuídas ao longo das 24 horas do dia, paralelamente ao isolamento social dos que podem fazê-lo, sem prejuízo para o cur-

so de suas vidas, seria muito melhor para a saúde e a segurança financeira e emocional dos que se encontram na base da pirâmide social e para as finanças públicas, em geral. Um grupo de estudos, de Minas Gerais, divulgou ontem os erros cometidos pelas autoridades brasileiras no combate ao Corona. Antes tarde, porém, do que nunca.

Tomara que o Brasil corresponda às mais otimistas projeções que o colocam entre os países com o menor número de vítimas, relativamente ao tamanho de sua população de 220 milhões de almas. Mesmo assim, estamos diante de uma hecatombe, algo entre 50 e 100 mil óbitos, que traz aflição e dor para tantas famílias, sobretudo as mais carentes, como as estatísticas já revelam, vítimas, também, da guerra política em que nossas lideranças converteram um sério problema de saúde pública.

Neste artigo, quero chamar a atenção dos leitores para um problema crônico de saúde pública que massacra as populações pobres do Brasil, acarretando, ao mesmo tempo, irreparáveis prejuízos à so-

Vermífugo consegue matar o coronavírus

CBCORREIO BRAZILIENSE

Pesquisadores da Coreia do Sul identificaram mais dois remédios que demonstraram sinais promissores contra o novo coronavírus em testes laboratoriais. As duas drogas se mostraram capazes de vencer o causador da COVID-19 em testes feitos com células em laboratórios.

As duas drogas já foram aprovadas nos Estados Unidos para tratamento de outras doenças, o que deve facilitar o uso contra a COVID-19. Porém, os resultados, ressaltam os cientistas, ainda são preliminares e não foram feitos testes em humanos.

A pesquisa foi publicada na Antimicrobial Agents and Chemotherapy, revista especializada da Sociedade Americana de Microbiologia.

Para o estudo, os pesquisadores testaram 46 medicamentos (todos já



usados para tratar outras doenças) em células Vero, uma linhagem desenvolvida a partir de células renais do macaco-verde-africano. Essas células são comumente usadas no cultivo de vírus para a produção de vacinas.

Um dos medicamentos é o vermífugo niclosamida, usado para o tratamento de teníase. "Não surpreende que seu efeito antiviral de amplo espectro tenha sido bem documentado na literatura, incluindo propriedades antivirais contra SARS (Síndrome respiratória aguda grave) e MERS-CoV (síndrome respiratória do Oriente Médio)", afirmam os autores em um comunicado à imprensa.

cidade brasileira, em geral, sem que as pessoas se deem conta, para a paz de espírito dos políticos que se ancoram na ignorância popular que, aparentemente, não se importa com o regular e metódico genocídio a que é submetida, ao longo de cada um de todos os dias do ano. Referimo-nos às deficiências de nosso saneamento básico que reduz a média de vida de pouco mais da metade da população brasileira, a 54 anos, contra 79 da metade mais rica, segundo o relatório *A diferença que nos une*, da Oxfam (Oxford Famine), entidade, fundada na Inglaterra durante a Segunda Grande Guerra, e que hoje representa uma confederação de 19 organizações e mais de 3.000 parceiros, atuando em mais de 90 países na busca de soluções para o problema da pobreza, desigualdade e da injustiça, por meio de campanhas, programas de desenvolvimento e ações emergenciais. Segundo esse relatório, seis brasileiros têm uma riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões mais pobres do país, enquanto os 5% mais ricos detêm a mesma fatia de renda dos demais 95%.

Como alterar esse ominoso e aviltante panorama? Do ponto de vista prático operacional, duas medidas fundamentais avultam no campo da educação e da saúde. Na educação, é imperioso que retornemos aos

ensinamentos de Anísio Teixeira, o maior educador brasileiro de todos os tempos, colocado no olvido em favor de Paulo Freire, um idealista-marxista que cumpriu à perfeição o ideário ideológico do italiano Antônio Gramsci, ao mesmo tempo em que levou ao naufrágio a educação brasileira. Sem educação de qualidade ao alcance dos segmentos mais pobres da sociedade, a distribuição de renda será sempre instrumento do populismo irresponsável da esquerda ou da direita. No campo da saúde, nada tão impactante como o acesso da infeliz metade de nossa população a saneamento de qualidade, libertando-a da excessiva mortalidade infantil, doenças crônicas e morte precoce e sofrida, 21 anos abaixo da média nacional.

Os recursos aplicados pelo Brasil a fundo, praticamente, perdido em países bolivarianos seriam suficientes para libertar milhões de brasileiros desse genocídio silencioso e implacável que destrói a vida de brasileiros pobres. Aproveito o ensejo para propor um debate público e tão educativo a respeito desse tema com os eminentes doutores petistas da Universidade Federal da Bahia que pensem em contrário.

Nada mais oportuno e cívico!

